

A TECNOLOGIA ASSISTIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Jackelinne Nathya de Sousa Nogueira¹

Vera Lúcia Rodrigues Paula²

Olga Maria da Fonseca e Silva Dias³

Andressa da Silva Sousa Siqueira⁴

Atualmente, a inclusão de crianças público-alvo da Educação Especial (PAEE) no ambiente escolar é uma temática amplamente discutida e cada vez mais presente nas práticas pedagógicas. Quando articulada às Tecnologias Assistivas (TA), essa inclusão ganha ainda mais relevância, pois tais recursos promovem o acesso, a participação e a autonomia das crianças em diferentes contextos e atividades. A Tecnologia Assistiva compreende um conjunto de serviços, estratégias e recursos capazes de favorecer uma inserção positiva e equitativa de todas as crianças, com e sem deficiência, fortalecendo o processo de aprendizagem e o convívio escolar de forma inclusiva e humanizada.

Partindo dessa perspectiva, o presente relato de experiência tem como objetivo apresentar as práticas e os resultados observados durante a implantação de pranchas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) — um tipo de Tecnologia Assistiva — em uma turma de Educação Infantil, destacando como esse recurso contribuiu para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e de interações mais inclusivas entre as crianças. Além disso, busca-se refletir sobre a potência dessas tecnologias na promoção da participação ativa dos alunos e na construção de um ambiente escolar pautado pela empatia, pelo respeito e pela aceitação das diferenças.

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Inclusiva – PROFEI /UERN, [.professora da Educação Infantil do Município de Mossoró/ RN](#), E-mail: jackelinne.nathya.uern.t4@gmail.com.

² Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Inclusiva – PROFEI/UERN, professora da educação especial da do Município de Mossoró-RN, E-mail: vera20241001514@alu.uern.br .

³ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Inclusiva – PROFEI /UERN, [professora da Educação Infantil do Município de Mossoró/ RN e](#) do Município de Baraúna RN, e-mail: olgadias82@hotmail.com.

⁴ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Inclusiva – PROFEI - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. andressa20241001597@alu.uern.br

A experiência foi desenvolvida em uma sala de Educação Infantil situada na zona urbana da cidade de Mossoró-RN, composta por vinte e cinco crianças de cinco anos de idade, uma professora titular e uma auxiliar, estudante de pedagogia. Dentre as crianças, três possuíam diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo uma delas não verbal, aqui nomeada como Abel (nome fictício). O acompanhamento ocorreu ao longo de cinco momentos distintos. No primeiro, foi realizada uma conversa com a professora titular, em que escutamos seus relatos e reflexões sobre as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem de Abel. Ela expressou angústias relacionadas à falta de comunicação e à dificuldade de estabelecer uma rotina que favorecesse a inclusão.

No segundo momento, foi realizada uma observação direta da turma, permitindo conhecer as crianças e estabelecer um diálogo espontâneo com elas. Já nos três encontros seguintes, a observação passou a ser participativa: auxiliamos a professora nas atividades pedagógicas, analisando o comportamento, as atitudes e a interação de Abel em sala de aula, antes, durante e depois da aplicação contínua da Tecnologia Assistiva.

Abel já frequentava a escola pelo segundo ano, mas demonstrava restrição nas interações sociais, resistência à rotina e comportamentos agressivos. Sua ausência de comunicação verbal limitava as possibilidades de expressão e de convivência com os colegas. Diante desse contexto, percebemos a necessidade de introduzir um recurso que ampliasse suas formas de comunicação, promovendo não apenas a aprendizagem, mas também sua inserção nas dinâmicas do grupo. Assim, optou-se pela utilização de pranchas e cartões de Comunicação Aumentativa e Alternativa, por serem recursos acessíveis, de fácil confecção e que poderiam ser adaptados conforme as necessidades da criança.

Antes da implementação, realizamos uma pesquisa sobre as pranchas de comunicação e, com base nesse estudo, envolvemos toda a turma na sua produção. Essa etapa foi essencial, pois possibilitou trabalhar também as questões de aceitação e de empatia, visto que, inicialmente, algumas crianças apresentavam dificuldade em compreender o comportamento de Abel e em aceitar sua presença na rotina coletiva. A produção das pranchas, portanto, tornou-se um momento pedagógico e afetivo de construção conjunta.

Segundo Bersch (2017, p. 6), a Comunicação Aumentativa e Alternativa “destina-se a atender pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar, escrever e/ou compreender”. Nessa perspectiva,

recursos como pranchas de comunicação, compostas por símbolos gráficos, letras ou palavras, servem para que a criança (o usuário) expresse desejos, sentimentos e necessidades, podendo ser de baixa ou alta tecnologia, a depender de sua complexidade.

A introdução desse recurso trouxe mudanças significativas para a rotina da turma. À medida que antecipávamos o planejamento diário utilizando imagens das pranchas, Abel passou a demonstrar maior compreensão das atividades e menor resistência. Seu comportamento tornou-se mais calmo, o contato visual com a professora foi ampliado e o tempo de concentração aumentou. Aos poucos, começou a expressar suas vontades apontando para os cartões, estabelecendo um tipo de diálogo antes inexistente. A professora, emocionada, relatou: “[...] seu novo comportamento foi motivo de muita comemoração, pois a partir daí obtivemos conquistas outrora sem esperança de alcançar”.

Essas conquistas, no entanto, não aconteceram de forma imediata. Exigiram persistência, paciência e envolvimento coletivo. O comprometimento da professora foi essencial para que a turma compreendesse o valor da inclusão e para que Abel se sentisse parte do grupo. A Tecnologia Assistiva revelou-se, assim, um canal potente de comunicação e conexão entre o aluno, a professora e seus colegas, ampliando as possibilidades de interação e aprendizagem. Como afirma Bersch (2017, p. 2), “o objetivo maior da TA é proporcionar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação”.

A simplicidade das pranchas mostrou-se grandiosa em seu impacto. Um recurso aparentemente modesto foi capaz de transformar relações e práticas, ressignificando a forma como a professora percebia e conduzia o processo educativo. Essa experiência revela o quanto a inclusão depende menos de recursos sofisticados e mais da sensibilidade pedagógica e do compromisso com o direito de aprender de cada criança.

A professora, ao enfrentar as dificuldades e buscar alternativas criativas para promover a comunicação de Abel, tornou-se um verdadeiro agente de transformação, mobilizando toda a turma em torno de uma prática pedagógica colaborativa e humanizadora. Como já nos ensinava Paulo Freire (1996), é na reflexão sobre a prática presente que construímos a possibilidade de uma prática futura mais justa, solidária e libertadora. A partir do uso das pranchas de comunicação, ou “cartões de comunicação”, como eram carinhosamente



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



chamados, vivenciou-se uma inclusão efetiva, marcada pela participação, pela interação e pelo envolvimento genuíno de todos.

O trabalho pedagógico com pranchas impressas, classificadas como recursos de baixa tecnologia, mostrou-se eficiente e viável para o contexto escolar. Contudo, seu uso exige planejamento, continuidade e adaptação constante. É fundamental que o(a) professor(a) amplie e atualize as pranchas conforme o desenvolvimento da criança, para que elas continuem respondendo às suas necessidades comunicativas e não se tornem obsoletas. Como destaca Almeida (2018, p. 30), “a tecnologia assistiva mudou a forma como as pessoas realizam suas atividades, tanto na vida diária como na vida prática”.

Em síntese, este relato reforça a importância da formação continuada dos professores e da criação de metodologias inclusivas que valorizem o protagonismo das crianças. A experiência com Abel evidencia que a inclusão é um processo coletivo, que exige envolvimento, empatia e a disposição para reinventar práticas. Mais do que uma simples ferramenta, a Tecnologia Assistiva representa uma ponte entre o desejo de comunicar-se e a possibilidade de ser compreendido. Ao promover a interação e o reconhecimento mútuo, ela contribui para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, aquela em que todas as crianças têm voz, vez e pertencimento.

Palavras-chave: Tecnologia Assistiva; Comunicação Aumentativa e Alternativa; Inclusão.

REFERÊNCIAS

BERSCH, R. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf>. Acesso em: 06/11/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Edição. São Paulo: Paz e terra, 1996.

ALMEIDA, Rita de Cassia Gomes de Oliveira. **Desenho universal e tecnologia assistiva: implementação de atividades pedagógicas para aluna com paralisia cerebral em classe comum**. 2018. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10449/ALMEIDA_Rita_2018.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 31/07/2023.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN

